

EMPREENDEDORISMO FEMININO: ESTRATÉGIAS PARA LIDAR COM A MULTIPLICIDADE DE PAPÉIS

Isadora Aparecida Silva¹; Patrícia Carvalho Campos²; Myriam Angélica Dornelas³

RESUMO

Durante muitos anos as mulheres foram vistas somente como donas de casa, onde tinham a responsabilidade de cuidar dos filhos, serviços domésticos e submissão ao marido. Com o passar do tempo essa situação de submissão e “ajuda” mudou e ganhou um novo paradigma. Um dos fatores que levou a essa mudança foi a valorização da mulher que aconteceu tanto no contexto social quanto no econômico. Ao empreender, muitas mulheres enfrentam o dilema de mais de uma jornada ao conciliar o trabalho e o tão sonhado negócio, com os cuidados da casa, filhos, cônjuges. Este dilema, enfrentado por grande parte das empreendedoras pode gerar uma série de sentimentos, algumas vezes conflituosos. Sentimentos positivos e negativos se misturam e podem se manifestar a partir das relações com colaboradores, familiares e cônjuges sobre decisões do cotidiano do negócio ou da família. O presente trabalho teve como objetivo traçar o perfil das empreendedoras e empreendimentos das participantes do *workshop* “Empreendedoras em Ação”, e investigar as estratégias utilizadas para lidar com a multiplicidade dos papéis exercidos e conhecer possíveis sentimentos intrínsecos. O arcabouço teórico do presente estudo abordou sobre o empreendedorismo feminino no Brasil e sobre a multiplicidade de papéis enfrentadas pelas mulheres na condução de seus negócios. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa, descritiva e caracterizada como um estudo de caso. Visando responder ao objetivo proposto, utilizou-se como método de coleta de dados o questionário misto que foi aplicado para um total de 39 empreendedoras. Concluiu-se que o perfil das empreendedoras é caracterizado como sendo brancas, casadas, com filhos, com idade entre 35 e 54 anos, com nível de escolaridade elevado (superior ou mais), com renda entre R\$ 2.995,00 até R\$ 5.988,00 e possuem familiares empreendedores. Em relação à multiplicidade de papéis, elas se sentem divididas emocionalmente entre as exigências do trabalho e da família, porém, comumente, o cônjuge ajuda nas tarefas domésticas, no cuidado com os filhos e, além disso, auxilia em forma de informações, conselhos e incentivos. Com tais conclusões obtidas no presente trabalho, esperou-se ter alcançado uma maior compreensão sobre o tema e um maior conhecimento sobre o grupo de empreendedoras pesquisadas. Ainda assim, acredita-se que há muito a ser estudado sobre este assunto, isto porque o empreendedorismo feminino aliado à multiplicidade de papéis, juntamente com os sentimentos oriundos são assuntos bastante interessantes e que merecem um estudo aprofundado, já que se trata de um tema em ampla discussão na atualidade.

Palavras-chave: Empreendedorismo feminino. Multiplicidade de papéis. Sentimentos.

1 INTRODUÇÃO

Durante muitos anos as mulheres foram vistas somente como donas de casa, onde tinham a responsabilidade de cuidar dos filhos, serviços domésticos e submissão ao marido. Com o passar do tempo essa situação de submissão e “ajuda” mudou e ganhou um novo paradigma. Um dos fatores que levou a essa mudança foi a valorização da mulher que aconteceu tanto no contexto social quanto no econômico.

¹ Graduada em Administração. Instituto Federal Minas Gerais – *Campus* Bambuí (IFMG *Campus* Bambuí) – Brasil. E-mail: isadoraaps1998@gmail.com.

² Professora Mestre do Departamento de Ciências Gerenciais e Humanas do Instituto Federal Minas Gerais – *Campus* Bambuí – Brasil. E-mail: patricia.campos@ifmg.edu.br.

³ Professora Doutora do Departamento de Ciências Gerenciais e Humanas do Instituto Federal Minas – *Campus* Bambuí (IFMG *Campus* Bambuí) – Brasil. E-mail: myriam.dornelas@ifmg.edu.br.

As mulheres estão cada vez mais conseguindo garantir seu espaço no empreendedorismo, tornando-se protagonistas da sua própria história (GEM, 2018a). Agora contribuem para o crescimento econômico do país e, muitas vezes, são a única fonte de renda da família e, dessa forma, adquirem autonomia e poder de decisão.

O empreendedorismo feminino precisa ser estudado por alguns motivos, o primeiro é que ele tem sido reconhecido durante a última década como uma importante fonte de crescimento econômico inexplorado, as empreendedoras geram novos empregos para si e para os outros e ainda oferece à sociedade novas características de gestão, organização e negócios, bem como para a exploração de oportunidades empresariais (SILVA, 2017).

Atualmente diversas pesquisas já expõem que quando as mulheres empreendem, elas não almejam somente por lucro, elas estão empreendendo principalmente para ter satisfação pessoal e, para que possam trazer algo de bom para o mundo (TAMEIRÃO, 2019).

E, ainda para o autor, uma das maneiras para se alcançar a igualdade de gênero é por meio do empreendedorismo, já que muitas mulheres conseguem uma maneira de se sustentar, de adquirir espaço na sociedade, de fazer a diferença em sua família ou comunidade e, por esse motivo, o movimento é tão significativo. Entretanto, ao empreender, muitas mulheres enfrentam o dilema de mais de uma jornada ao conciliar o trabalho e o tão sonhado negócio, com os cuidados da casa, filhos, cônjuges. Este dilema, enfrentado por grande parte das empreendedoras pode gerar uma série de sentimentos, algumas vezes conflituosos. Sentimentos positivos e negativos se misturam. A felicidade de ter o próprio negócio como um sentimento positivo pode vir associado a um sentimento de frustração, por exemplo, pelo fato da mulher se questionar se deveria deixar o seu filho com outra pessoa. Ademais, diversos sentimentos (positivos e/ou negativos) podem se manifestar a partir das relações com colaboradores, familiares e cônjuges sobre decisões do cotidiano do negócio ou da família.

Diante desse cenário, esta pesquisa adentrou um campo duplamente instigante, sendo que de um lado, buscou compreender a multiplicidade de papéis e de outro, procurou analisar os sentimentos presentes e relacionados a essa multiplicidade. Para isso, obteve-se o seguinte questionamento: Na percepção das mulheres participantes do *workshop* “Empreendedoras em Ação”, há multiplicidade de papéis na condução dos negócios e quais sentimentos estão presentes? Neste sentido, este artigo teve por objetivo traçar o perfil das empreendedoras e seus empreendimentos participantes deste evento e investigar as estratégias utilizadas para lidar com a multiplicidade dos papéis exercidos e conhecer possíveis sentimentos intrínsecos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para uma melhor compreensão sobre o tema foi desenvolvida uma revisão bibliográfica dividida nos seguintes tópicos: empreendedorismo feminino e multiplicidade de papéis.

2.1 Empreendedorismo feminino no Brasil

Para melhor compreensão da evolução do empreendedorismo feminino, a seguir foram expostas características socioeconômicas dos empreendedores fazendo-se uma comparação entre os gêneros feminino e masculino.

De acordo com o GEM (2018b) o percentual de empreendedores masculinos ainda é maior que o de empreendedores femininos tanto nos estágios iniciais (até 3,5 anos de operação) quanto estabelecido (acima de 3,5 anos de operação). Porém, cabe ressaltar que essa diferença é maior nos estágios estabelecidos – homens (23,3%) e mulheres (17,2%) – que nos estágios iniciais onde a diferença se torna menos significativa - homens (18,5%) e mulheres (17,3%).

Portanto, pode-se inferir que apesar dos homens serem maioria, as mulheres estão cada vez mais buscando conquistar o seu lugar no mercado emancipando-se de sua velha figura de submissão e de “ajuda” ao marido sendo protagonistas de sua própria história. Em números absolutos, as empreendedoras representam cerca de 23,8 milhões de brasileiras (GEM, 2018b).

Ainda de acordo com os dados do GEM (2018b) também pode-se observar que, em relação aos empreendedores nascentes, houve uma queda no percentual de empreendedoras femininas, de 6,10% em 2015 para 1,70% em 2018. Porém, ao estender essa análise aos empreendedores masculinos, no mesmo estágio, também pôde-se perceber uma queda, de 7,30% para 1,60%.

Percebeu-se que, no período de 2008 a 2011, houve mais mulheres empreendendo por oportunidade do que os homens (GEM, 2018b). Em 2016, a taxa de mulheres empreendendo por oportunidade começou a subir novamente, atingindo 55,6% em 2018 (GEM, 2018a). A recuperação da taxa de empreendedorismo por oportunidade foi vista como positiva já que quando se empreende por oportunidade é porque o empreendedor vislumbrou uma lacuna no mercado e criou um produto/serviço ou negócio para preenchê-la.

Em relação ao nível de escolaridade, nota-se que as mulheres têm um maior nível de escolaridade se comparado aos homens em todos os estágios (GEM, 2018b). Esse pode ser considerado um fator positivo pois, infere-se que as mulheres estudam mais para gerenciar seus próprios negócios o que aumenta a possibilidade de sucesso.

Em relação à faixa etária, as empreendedoras iniciais se concentraram na faixa de 18 a 34 anos (49%), já em relação as estabelecidas mais da metade (54%) se encontraram na faixa de 35 a 54 anos. Pode-se deduzir que as mulheres jovens estão cada vez mais adentrando no mundo do empreendedorismo, pelo fato de que a maioria das empreendedoras iniciais está na faixa de 18 a 34 anos e se mantiveram nele já que a taxa dos empreendimentos estabelecidos predominante é de 35 a 54 anos (GEM, 2018b).

No que diz respeito à renda das empreendedoras, de acordo com o GEM (2018b), observa-se que as mulheres que se encontraram em estágio inicial, a renda da maioria é de 2 salários-mínimos. Já em relação às empreendedoras estabelecidas, 30% tiveram a renda igual a 2 salários-mínimos e 29% mais de 3 até 6 salários. Quando se comparou à renda dos homens, a maioria dos empreendedores iniciais também tiveram a renda equivalente a 2 salários-mínimos. Dentre os estabelecidos, 31% a renda foi igual a 2 salários e 29% mais de 3 até 6 salários, dados os quais foram muito parecidos com os das mulheres. Porém, o percentual de homens que obtiveram renda superior a 6 salários é de 9%, enquanto o das mulheres é 5%.

Quando se trata do estado civil, o que merece destaque é o fato de haver uma maior quantidade de mulheres casadas entre as empreendedoras iniciais e também nas estabelecidas. Em relação aos homens a quantidade de solteiros foi maior entre os empreendedores iniciais (45%), o que diverge dos estabelecidos, em que a maioria é casado (54%) (GEM, 2018b).

Por fim, como forma de caracterizar o perfil das empreendedoras existentes (GEM, 2018b), no que se refere à raça, a maioria das mulheres são pretas ou pardas (em todos os estágios) representando 60% do total de empreendedoras. O mesmo ocorre com os homens onde a maioria (59%) também se consideram pretos ou pardos.

Na pesquisa realizada pelo GEM (2018b) também foi analisado as atividades que as empreendedoras exerceram. No estágio inicial, restaurantes e outros estabelecimentos de serviços de alimentação e bebidas foi a atividade que predominou (16,6%), inclusive também é a atividade que os homens mais atuaram. Ainda em relação às mulheres, elas também empreenderam nas atividades: serviços domésticos (14%); comércio varejista de artigos do vestuário e acessórios (12,5%); cabeleireiros e outras atividades de tratamento de beleza (10,4%) e outras atividades que não foram especificadas (46,6%).

Quando se tratou das empreendedoras estabelecidas há diferença em relação à atividade mais atuante que, nesse caso, foi cabeleireiros e outras atividades de tratamento de beleza (18,4%), enquanto a atividade relacionada a restaurantes que era a principal no estágio inicial foi a atividade menos atuante nesse estágio.

Em relação ao número de funcionários empregados pelas mulheres a grande maioria (84,7%) não possuía funcionários e, de acordo com 77,2%, daqui cinco anos também não pretendem contratar. Apenas uma pequena parcela de mulheres (11,8%) procurou ajuda de algum órgão de apoio para a condução do seu empreendimento, sendo que o órgão mais procurado foi o SEBRAE (56,7%) e o menos procurado o contador (5,3%). Em relação aos homens, a busca por entidades também é baixa (12,9%), porém um pouco maior que o percentual das mulheres (GEM, 2018b).

Percebeu-se pelos dados estatísticos fornecidos pelo GEM (2018b), que as mulheres estão cada vez mais conseguindo garantir seu espaço no empreendedorismo, tornando-se protagonistas da sua própria história.

De acordo com Frota e outros (2014) um fato a ser considerado em relação às mulheres comandando o próprio negócio deve-se à maleabilidade para administração do tempo. Liderando a empresa, a mulher pode dividir o horário com as diversas tarefas de casa, não que elas trabalhem menos, porém dessa maneira, conseguem ter mais autonomia na escolha dos horários o que, enquanto subordinadas, não seria concebível (FROTA *et al.*, 2014).

Porém, para Martins e outros (2010), mesmo com a entrada em larga escala da mulher no mundo do empreendedorismo, a situação que as empreendedoras ainda se encontram está muito distante de ser considerada confortável: “as mulheres teriam maiores dificuldades que os homens para iniciar uma atividade empreendedora, ocasionadas por preconceitos ainda arraigados na sociedade” (MARTINS *et al.*, 2010, p. 291).

2.2 Multiplicidade de papéis e possíveis conflitos

A mulher atual além de ocupar cargos de responsabilidade elas também cumprem outras tarefas, como: ser mãe, administradora da casa, esposa, e muitas vezes, a única fonte de renda da família (FERES; SILVA; SOUZA, 2016).

Para Strobino (2009) o gênero feminino, atualmente, ainda é relacionado ao trabalho doméstico, é evidente que as mulheres continuam a realizar a maioria desse trabalho, especialmente as atividades tidas como “tipicamente femininas” e os homens mantêm-se a exercer a supremacia em relação as responsabilidades profissionais e continuam a ser socialmente possibilitados a afastar-se de tarefas reconhecidas como femininas. Na mesma vertente, Lindo e outros (2007) afirmaram que mesmo com as transformações sociais no mundo moderno, as expectativas da sociedade no que se refere aos papéis masculinos e femininos modificaram muito pouco ao longo do tempo, moldando o vínculo entre a satisfação na carreira e o conflito família e trabalho.

Esse cenário de reprodução da dominação masculina colocou as mulheres em uma posição desfavorável do ponto de vista do seu reconhecimento social e ainda contribuiu para a divisão injusta de tarefas, tanto no trabalho como dentro de casa (STROBINO, 2009). De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2019), as mulheres ocupadas, ou seja, que trabalham fora de casa, dedicaram, em 2018, em média, 18,3 horas por semana com afazeres domésticos, quase o dobro do que os homens gastaram com as mesmas tarefas – 10,3 horas.

Cramer, Capelle e Silva (2001) estudaram mulheres empresárias e chegaram a conclusão que o trabalho fora de casa concorreu com o trabalho familiar, o que pode gerar conflitos, já que a mulher se culpa tanto em abrir mão da carreira em função da família, quanto em se isentar do convívio em família

para se dedicar aos negócios, contudo a mulher que gerencia trabalho e família se sente cobrada por sua ausência na convivência familiar.

Da mesma maneira Parasuraman e Greenhaus (1997) citado por Quental e Wetzel (2002, p. 2) afirmaram que “o problema do equilíbrio entre vida profissional e vida pessoal retratou uma incompatibilidade entre as demandas do papel do trabalho e as demandas do papel da família, sendo que o tipo mais comum de conflito entre trabalho e família sucedeu quando as demandas por tempo de um papel tornaram difícil ou impossível participar integralmente do outro”. Além disso, segundo Lindo e outros (2007) os homens regularmente tendem a dar mais importância a sua carreira e as mulheres costumam priorizar a relação com suas famílias.

Nas palavras de Lages, Detoni e Sarmento (2005), a necessidade de inserir-se no mercado, o cansaço proveniente da dupla jornada de trabalho e a preocupação com o cuidado com os filhos geraram uma divisão emocional entre as exigências do trabalho e da família, o que acabou originando um sentimento de culpa pelo abandono do lar, fato que aumentou a probabilidade das mulheres para adquirirem aos mais diversos tipos de doenças. O problema é que, por um lado, a mulher encontrou satisfação e realização em tudo o que faz e, por isso, sobrecarrega-se e sofre e, por outro, não suporta o peso de tantas responsabilidades e termina por manifestar sérios danos a sua saúde (SILVA; LIMA, 2012).

Em relação à sobrecarga de trabalho, Carvalho Neto, Tanure e Andrade (2010) expuseram que a mulher se desdobrou e sofreu com a sobrecarga que ela mesma se obrigou a realizar por causa dos seus diversos papéis de ser mulher, mãe e profissional no qual foi imposta. Ainda de acordo com os autores, ficou sobrecarregada com a rotina da casa e dos filhos, preocupa-se ainda com a aparência, em alcançar o sucesso profissional e ter um cuidado especial para não ofuscar o sucesso do seu parceiro.

De acordo com Cramer, Capelle e Silva (2001) há dois tipos de sustentos advindos por parte do cônjuge os quais são considerados importantes na situação do conflito entre família e trabalho: o apoio instrumental e o apoio emocional, sendo que o primeiro se referiu à participação efetiva do companheiro nos cuidados com a casa e filhos; e o segundo se relacionou à ajuda em forma de informações, conselhos e afeição à prosperidade da parceira. O maior grau de auxílio instrumental possibilita uma diminuição da carga de trabalho dentro do lar, propiciando mais tempo para o trabalho; já o apoio emocional ajuda a destacar o sentimento de capacidade e eficácia por parte da mulher (CRAMER; CAPELLE; SILVA, 2001).

Mesmo que as responsabilidades das tarefas domésticas ainda sejam reconhecidas socialmente como responsabilidades femininas, as mulheres em cargos de gestão têm a vantagem de portarem rendimentos que concedem a compra do trabalho doméstico de outras mulheres, porém, embora essas mulheres dividam ou atribuam essas tarefas domésticas a outras profissionais (babás, empregadas

domésticas e cozinheiras) ainda pertencem às mães as atividades de cuidado, de brincar, de ensinar, de levar ao médico e de educar os seus filhos (BIASOLI, 2016).

De acordo com Sina (2005) muitas empresas veem a multiplicidade de papéis como uma condição negativa, que atrapalha as mulheres a concluírem seu trabalho, por esse motivo, diversas mulheres renunciaram seus projetos de vida (casamentos, laços afetivos), outras adiaram ou retardaram o sonho da maternidade pelas carreiras, por serem estas questões indicadas por algumas organizações como empecilhos para o crescimento profissional. Já outras organizações apontaram a capacidade feminina de executar diversos papéis como uma característica que traz benefícios à gestão (SINA, 2005).

Portanto, a multiplicidade de papéis está relacionada a uma característica cultural, levando ao reconhecimento de um talento nas mulheres para fazer e pensar várias coisas ao mesmo tempo, ao perceberem, por exemplo, que trabalho e família se ajudam e se beneficiam reciprocamente (JONATHAN, 2005).

Com o propósito de atingir um equilíbrio entre o aspecto profissional e o pessoal, as mulheres empreendedoras procuraram buscar o controle das emoções na tentativa de evitar discussões, o equilíbrio de horários, o compartilhamento com a família das atividades domésticas, a busca do diálogo e a base da família (STROBINO, 2009).

Percebeu-se com as afirmativas acima sobre a multiplicidade de papéis exercido pelas mulheres, que elas dominavam várias funções ao mesmo tempo e geralmente obtinham sucesso em todas elas, mesmo sendo uma jornada muito desgastante elas faziam o máximo para equilibrar todas as esferas de sua vida. Porém, em diversos momentos elas não conseguiram essa estabilidade, o que gerou conflitos entre sua vida familiar e profissional, sendo assim essas mulheres têm que encontrar alguma maneira para sustentar tal situação.

3 METODOLOGIA

O presente estudo tratou-se de uma pesquisa qualitativa de caráter descritivo, viabilizada pela especificidade do método de estudo de caso, já que procurou saber se na percepção das mulheres participantes do *workshop* “Empreendedoras em Ação”, sobre a multiplicidade de papéis enfrentados por estas mulheres e seus sentimentos intrínsecos.

Segundo Godoy (1995) a pesquisa qualitativa é um fenômeno que pode ser assimilado no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser observado em uma perspectiva integrada. Para tal, o pesquisador vai a campo procurando entender o fenômeno em estudo por meio da opinião das pessoas nele envolvidas, aceitando todos os pontos de vista importantes e dessa forma diversos tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a ocorrência do fenômeno (GODOY, 1995).

Já a pesquisa descritiva “observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los” (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007, p. 61). Gil (2002, p. 42) complementou que “a

pesquisa descritiva tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre as variáveis”.

Visto que buscou-se estudar o caso de um grupo de empreendedoras, a pesquisa também se caracterizou por ser um estudo de caso, que ocorre quando o pesquisador tem interesse em pesquisar uma situação singular, particular, sendo que o estudo é delimitado e tem seus contornos evidentemente determinados no desenvolver do estudo (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

3.1 Caracterização do objeto de estudo

O presente estudo procurou investigar as estratégias utilizadas para lidar com a multiplicidade dos papéis exercidos e conhecer possíveis sentimentos intrínsecos das empreendedoras participantes de um *workshop*. O evento é direcionado para mulheres que já possuem um negócio ou tem uma ideia, porém não tiraram do papel ainda. O objetivo deste evento é apresentar os passos para se adquirir uma mentalidade voltada para os negócios, mostrar como se conquista uma marca de sucesso com as redes sociais, estratégias de vendas e marketing para uma comunicação eficaz, e no fim colocar toda a teoria na prática, criando um modelo de negócios.

O *workshop* é aberto a todas as mulheres, porém é direcionado a mães que estão em busca de um novo caminho profissional depois da maternidade.

A produtora do *workshop* é formada em Publicidade e Propaganda, com pós-graduação em Marketing e MBA em Ciências do Consumo. Durante 15 anos trabalhou como gestora em grandes empresas. Mas quando se tornou mãe sua rotina mudou e ela queria ficar mais próxima a sua filha, então resolveu investir na sua verdadeira paixão que era, desenvolvimento pessoal.

Os *workshops* que já aconteceram foram nas cidades de Belo Horizonte e Curitiba, com turmas de 10 a 20 mulheres empreendedoras, sendo que as vagas são limitadas, para que a organização proporcionasse exclusiva atenção às participantes.

3.2 Coleta, tratamento e análise dos dados

A estratégia utilizada para a coleta de dados que melhor atendia as diretrizes da pesquisa foi o questionário que é uma ferramenta de coleta formada por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador (MARCONI; LAKATOS, 2005).

Um questionário misto, constituído de questões fechadas e abertas, foi utilizado no presente estudo.

Para realizar a coleta de dados primeiramente foi feito um contato com a organizadora do *workshop* via *Instagram*, explicando sobre a pesquisa realizada, que as informações seriam de exclusividade acadêmica e sigilosa. Foi enfatizado que o estudo também ia ser proveitoso para ela, já

que iria conhecer profundamente as empreendedoras as quais lida frequentemente. A organizadora concordou rapidamente com a pesquisa, após isso as conversas foram mais regulares no *WhatsApp*.

No dia 16/09/2019 o *link* do questionário foi enviado a 95 empreendedoras. No dia 11/10/2019 a coleta de dados foi encerrada e foram obtidas 39 respostas, ou seja 41,05%. Ressaltando que o questionário foi enviado somente para as mulheres que fizeram *workshop* e que a organizadora manteve contato, as outras mulheres que fazem mentoria, *coach* ou outros programas que a organizadora realiza não participaram da pesquisa.

A partir das respostas obtidas de cada empreendedora, foi feita a tabulação dos dados no Excel, criando tabelas e, posteriormente, gerando gráficos para uma melhor visualização das respostas obtidas. Como o questionário foi *online* também se utilizou de gráficos que o *Google Forms* gerou. Logo após, realizou-se a análise dos dados, de acordo com as seções presentes no questionário procurando extrair de cada pergunta fatos que levassem a responder as questões propostas no objetivo do presente estudo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise e apresentação dos resultados foram agrupadas de forma a responder aos objetivos da pesquisa e foram estruturadas no perfil dos sujeitos da pesquisa e caracterização dos seus empreendimentos, seguido sobre suas percepções sobre a multiplicidade de papéis enfrentados pelas mulheres e sentimentos intrínsecos.

4.1 Perfil dos sujeitos de pesquisa e caracterização dos empreendimentos

Buscando caracterizar o perfil das mulheres empreendedoras participantes do *workshop* “Empreendedoras em Ação”, foram avaliadas características como: escolaridade, idade, renda, estado civil e raça.

Em relação à escolaridade, dentre as 39 mulheres pesquisadas, 76,9% possuíam superior completo ou maior, 20,5% possuíam o ensino médio completo e 2,6% tinham o ensino médio incompleto, dentre as respondentes nenhuma possuía fundamental completo e incompleto. Diante dos resultados apresentados notou-se um elevado grau de escolaridade das mulheres, onde 76,9% possuíam ensino superior ou maior, fato o qual converge com a pesquisa do GEM (2018a) em que as mulheres apresentaram maior escolaridade (ensino médio e superior) que os homens em todos os estágios analisados, sendo um fator positivo pois estão estudando mais para se prepararem para a jornada empreendedora.

A faixa etária das mulheres entrevistadas ficou distribuída com 53,8% possuíam de 35 a 54 anos e 46,2% possuíam de 18 a 34 anos, nenhuma mulher pesquisada possuiu de 55 a 64 anos. Em relação as mulheres que possuem de 35 a 54 anos, 38,10% delas eram empreendedoras estabelecidas, 57,14% eram

novas e apenas 4,76% eram nascentes. Das mulheres que possuíam de 18 a 34 anos (46,2%), 11,11% empreendedoras se encontravam no estágio estabelecido, 72,22% eram novas e 16,67% eram nascentes.

A maioria das mulheres que possuíam de 35 a 54 anos eram empreendedoras novas, ou seja, tem seu próprio negócio por mais de três meses e menos de três anos e meio. E as mulheres que tinham de 18 a 34 anos, os seus empreendimentos também eram predominantemente novos. Porém, quando se analisou por estágio do empreendimento, a maioria das empreendedoras estabelecidas (38,10%), possuíam de 35 a 54 anos.

Segundo o GEM (2018a) as empreendedoras iniciais se concentravam na faixa etária de 18 a 34 anos (49%), e 54% das empreendedoras estabelecidas se encontravam na faixa de 35 a 54 anos. Sendo assim, em relação às empreendedoras iniciais o presente estudo obteve o mesmo resultado que o GEM (2018a), entretanto no que se referiu às empreendedoras estabelecidas os resultados divergiram.

Desta forma, tanto os empreendimentos das empreendedoras de 18 a 34 anos como os das mulheres de 35 a 54 anos se encontravam no estágio inicial, pode-se inferir que para os sujeitos deste estudo não se tem uma idade média em que as mulheres adentram nesse ramo, tanto jovens como maduras encontraram no empreendedorismo razões para se dedicarem a ele.

A respeito da renda mensal das respondentes os percentuais de cada faixa salarial são bem semelhantes, todavia a maioria se concentrou na faixa de R\$ 2.995,00 até R\$ 5.988,00 (25,6%), seguido por mais de R\$ 5.998,00 com 20,5% e empataram as faixas até R\$ 998,00; de R\$ 999,00 até R\$ 1.996,00 e de R\$ 1.997,00 até R\$ 2.994,00 todos com 17,9%. Entretanto, quando se analisou por estágios, as empreendedoras iniciais tiveram uma renda mensal de R\$ 2.995,00 até R\$ 5.988,00 e as estabelecidas tiveram uma renda maior ainda, ou seja, maior que R\$ 5.989,00. Isso pode estar relacionado ao fato de o negócio estar mais estabelecido no mercado e elas terem um melhor faturamento em função de um maior conhecimento e experiência.

Na pesquisa do GEM (2018a) a maioria das respondentes em todos os estágios analisados tiveram uma renda equivalente a dois salários-mínimos, ou seja, em média R\$ 1.996,00. Portanto, no presente estudo a maioria das mulheres obtiveram uma renda superior à das mulheres pesquisadas no GEM (2018a).

Em relação ao estado civil dessas empreendedoras a grande maioria (66,7%) são casadas, 17,9% se encontravam como solteiras, 10,3% estavam em uma união estável e somente 5,1% eram divorciadas. Não houve mulheres que se encontrassem como viúva.

Essa predominância do estado civil ser casada também foi o encontrado na pesquisa do GEM (2018a), em que tanto no estágio inicial como no estabelecido a maioria das mulheres se encontram casadas.

Quanto à raça das entrevistadas a maior parte se considerava como branca, sendo representadas por 76,9%, 20,5% se consideravam como negra ou parda e apenas 2,6% eram amarelas ou indígenas.

Segundo o GEM (2018a) a raça predominante das entrevistadas no ano de 2018 em todos os estágios foi negra ou parda, sendo esse dado totalmente divergente do encontrado das empreendedoras participantes do *workshop* em que a maior parte foi branca.

O Quadro 2 apresentou um comparativo entre os resultados da pesquisa do GEM (2018a) e os resultados obtidos na presente pesquisa em relação ao perfil da mulher empreendedora.

Quadro 1 - Comparação entre o perfil das empreendedoras

Perfil	GEM		Empreendedoras em Ação	
	Iniciais	Estabelecidos	Iniciais	Estabelecidos
Nível de escolaridade	Médio completo	Médio completo	Superior completo ou maior	Superior completo ou maior
Faixa etária	18 a 34 anos	35 a 54 anos	18 a 34 anos	35 a 54 anos
Renda mensal	2 salários	2 salários	de R\$ 2.995,00 até R\$ 5.988,00	Mais de R\$ 5.989,00
Estado Civil	Casada	Casada	Casada	Casada
Raça	Preta ou parda	Preta ou parda	Branca	Branca

Fonte: Dados da pesquisa.

Percebeu-se que a escolaridade das mulheres participantes do *workshop* “Empreendedoras em Ação” foi superior ao das pesquisadas do GEM (2018a). A faixa etária tanto no estágio inicial como no estabelecido foram iguais em ambas as pesquisas, assim como, o estado civil. A renda mensal das empreendedoras do *workshop* foi maior nos dois estágios analisados e a raça das pesquisadas do GEM (2018a) foram, predominantemente, pretas ou pardas, já no *workshop* foi branca.

Já procurando conhecer melhor o empreendimento dessas mulheres, foi perguntado sobre os seguintes fatores: tempo de existência da empresa, setor de atividade e número de funcionários.

Quando perguntadas sobre o tempo de existência do empreendimento, pôde-se observar que mais da metade das mulheres abriram seu empreendimento há mais de três meses e menos de três anos e meio (64,1%), 25,6% possuíam há mais de três anos e meio de existência e somente 10,3% possuíam menos de três meses de funcionamento.

A grande maioria das empresas de propriedade das participantes do *workshop* possuíam mais de três meses e menos de três anos e meio de funcionamento, segundo o GEM (2018b) esses empreendimentos podem ser considerados como novos já que ofereceram alguma forma de rendimento a suas proprietárias durante o período mencionado (mais de três meses e menos de três anos e meio de existência da empresa).

Ao comparar os dados da pesquisa com os dados do GEM (2018b) percebeu-se uma contradição. Enquanto, para o GEM (2018b), a taxa de empreendedoras estabelecidas, mostrou-se superior à taxa de empreendedoras novas no ano de 2018, sendo 17,2% e 15,8%, respectivamente, na presente pesquisa existiram mais empresas no estágio novo do que no estágio estabelecido.

Diante da análise dos dados acima, pode-se perceber que os empreendimentos podem ser considerados “novos” (menos de 3,5 anos), fato o qual converge com a pesquisa do GEM (2018b) em

que quando observou-se o estágio novo, a diferença entre o percentual feminino e masculino é pequena, o que mostrou que as mulheres estão cada vez mais abrindo novos empreendimentos.

Como forma de caracterizar o empreendimento, foi perguntado qual o setor de atividade em que atuavam, oferecendo as alternativas que foram retiradas do GEM (2018b). Deu-se uma lacuna para colocarem a atividade que se enquadrasse, caso nenhuma das opções as atendessem. As respostas foram agrupadas na Tabela 2.

TABELA 1 – Setor de atividade

Atividade	Total	%	Inicial	%	Estabelecida	%
Restaurante e outros estabelecimentos de serviços de alimentação e bebidas	2	5,13	1	2,56	1	2,56
Cabeleireira e outras atividades de tratamento de beleza	4	10,26	3	7,69	1	2,56
Serviços domésticos	0	0,00	0	0,00	0	0,00
Comércio varejista de artigos do vestuário e acessórios	8	20,51	7	17,95	1	2,56
Confecção de peças do vestuário, exceto roupas íntimas	0	0,00	0	0,00	0	0,00
Consultoria de carreira	1	2,56	0	0,00	1	2,56
Consultoria de sono infantil	1	2,56	1	2,56	0	0,00
Educação	1	2,56	1	2,56	0	0,00
Clínica odontológica	1	2,56	0	0,00	1	2,56
Artigos e decoração de festas	4	10,26	3	7,69	1	2,56
Grupo de corrida para mães	1	2,56	1	2,56	0	0,00
Agência de comunicação	1	2,56	1	2,56	0	0,00
Joalheria	1	2,56	1	2,56	0	0,00
Serviços fotográficos	1	2,56	0	0,00	1	2,56
Serviços jurídicos	1	2,56	0	0,00	1	2,56
Edição de livros e <i>webdesign</i>	1	2,56	1	2,56	0	0,00
Representante comercial	3	7,69	3	7,69	0	0,00
Comércio de produtos eróticos	1	2,56	1	2,56	0	0,00
Educação e marketing para arquitetos	1	2,56	1	2,56	0	0,00
Cosméticos, nutricosméticos, dermocosméticos, maquiagem e perfumaria	1	2,56	0	0,00	1	2,56
Serviços de marketing	2	5,13	2	5,13	0	0,00
Confecção de enxovais para bebês	1	2,56	0	0,00	1	2,56
Hortas urbanas	1	2,56	1	2,56	0	0,00
Consultoria para empreendedoras	1	2,56	1	2,56	0	0,00
Total	39	100	29	74,36	10	25,64

Fonte: Dados da pesquisa.

Pode-se verificar que o setor de atividade que as mulheres participantes do *workshop* “Empreendedoras em Ação” no estágio inicial mais empreenderam foi o comércio varejista de artigos do vestuário e acessórios (20,5%), seguido por cabeleireira e outras atividades de tratamento de beleza, artigos e decoração de festas e representante comercial, sendo que todas essas atividades obtiveram o mesmo percentual (7,69%).

No estágio estabelecido se encontraram dez empreendedoras e cada uma atua em um ramo de atividade diferente e a partir dessa circunstância pode-se inferir que as mulheres pesquisadas, atualmente,

exercem diversas atividades, já não estão mais centradas em atividades como restaurante, cabeleireira, serviços domésticos, confecção de roupas e comércio de acessórios.

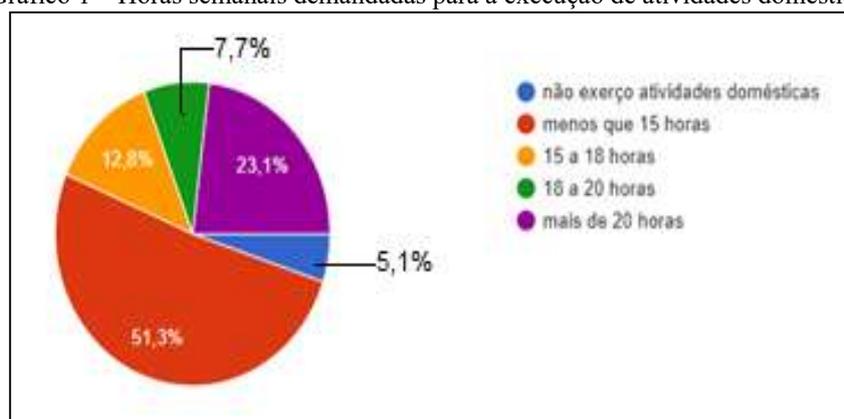
Em suma, apesar dos setores tidos como “femininos” representarem uma porcentagem significativa (cabeleireira e outras atividades de tratamento de beleza; comércio varejista de artigos do vestuário e acessórios; artigos e decoração de festas), há uma diversidade de setores os quais são representados pelas mulheres. É importante ressaltar que a categoria “serviços domésticos” que antigamente representava a maioria das mulheres, não foi citado por nenhuma das mulheres pesquisadas, isso pode estar associado ao alto grau de escolaridade das pesquisadas.

No que diz respeito ao número de funcionários a maior parte das empreendedoras não possuíam nenhum funcionário (66,7%); 25,6% possuíam de 1 a quatro colaboradores, 5,1% de 5 a 9 funcionários e apenas 2,6% possuíam mais de 10 colaboradores. Na pesquisa do GEM (2018b) observou-se a mesma circunstância em que a maioria das mulheres entrevistadas (84,7%) não possuíam nenhum funcionário. Esse fato pode estar relacionado ao porte dos empreendimentos das pesquisadas e a renda mensal que possuíam, ficando difícil custear funcionários.

4.2 Multiplicidade de papéis exercidos pelas empreendedoras e sentimentos intrínsecos

Quando perguntadas quantas horas semanais, em média, são demandadas para a execução de atividades domésticas, 51,3% afirmaram que exercem menos de 15 horas semanais, 23,1% mais de 20 horas, 12,8% de 15 a 18 horas, 7,7% de 18 a 20 horas e 5,1% não exerceram nenhuma atividade doméstica (GRÁFICO 1).

Gráfico 1 – Horas semanais demandadas para a execução de atividades domésticas



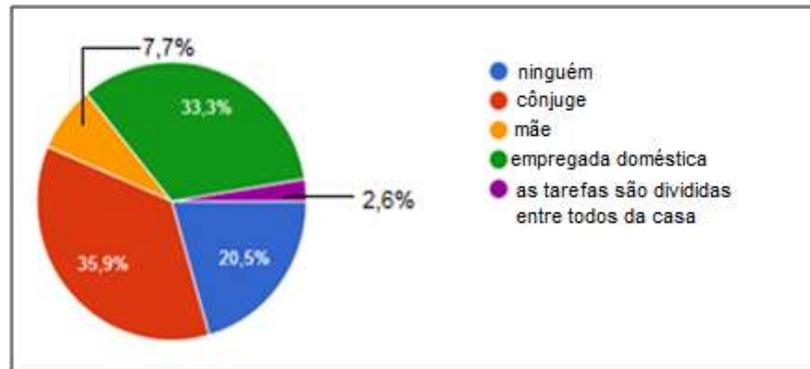
Fonte: Dados da pesquisa.

De acordo com o IBGE (2019), as mulheres que trabalham fora de casa, dedicaram em média, 18,3 horas por semana com tarefas domésticas e cuidado de pessoas. Informação a qual foi diferente da encontrada no presente estudo, em que a maioria das mulheres exerceram menos de 15 horas por semana em atividades do lar.

Ao serem questionadas sobre quem as ajudava nas tarefas domésticas, a maioria das empreendedoras afirmaram que era o cônjuge (35,9%), 33,3% quem auxiliava era a empregada

doméstica, 20,5% realizavam as tarefas sozinhas, 7,7% a mãe ajudava e 2,6% as atividades eram divididas por todos os moradores da casa (GRÁFICO 2).

Gráfico 2 – Auxílio nas atividades domésticas



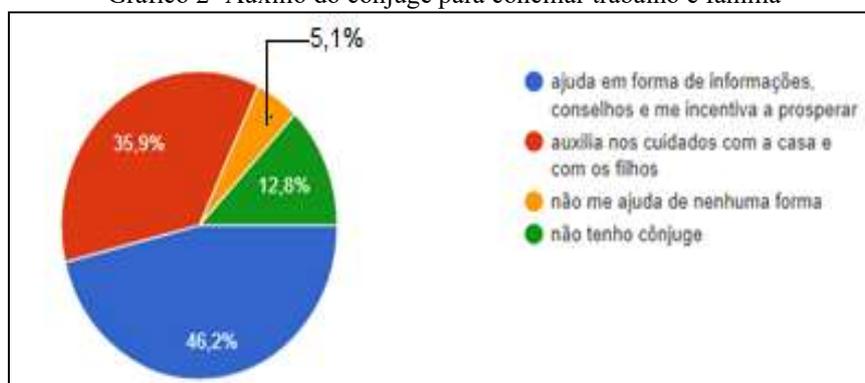
Fonte: Dados da pesquisa.

A principal pessoa que auxilia nas atividades domésticas segundo as empreendedoras foi o cônjuge, fato o qual difere da visão de Strobino (2009) em que ele declarou que atualmente as mulheres continuam a realizar a maioria do trabalho doméstico e os homens exercem principalmente as responsabilidades profissionais e permanecem a ser socialmente possibilitados a afastar-se das atividades tidas como femininas.

O percentual alto em relação ao auxílio da empregada doméstica pode ser explicado pelo fato de que as mulheres com cargos de gestão têm o privilégio de ter condições que permite a compra do trabalho doméstico de outras mulheres, mas, mesmo assim, elas ainda têm muitas atividades a serem feitas em casa, como o cuidado com os filhos, brincar, ensinar, levar ao médico, educar, entre outros (BIASOLI, 2016).

Foi perguntado como o cônjuge auxiliava a mulher para que possa conciliar o trabalho e família. Conforme exposto no Gráfico 3, 46,2% dos cônjuges ajudavam em forma de informações, conselhos e incentivos, 35,9% auxiliavam nos cuidados da casa e com os filhos, 12,8% não possuíam cônjuge e 5,1% dos cônjuges não contribuía de nenhuma forma.

Gráfico 2- Auxílio do cônjuge para conciliar trabalho e família



Fonte: Dados da pesquisa.

A ajuda por parte do cônjuge em forma de informações, conselhos e incentivos foi chamado por Cramer, Capelle e Silva (2001) de apoio emocional e esse tipo de apoio dá ênfase ao sentimento de

capacidade e eficácia por parte da mulher. A ajuda no cuidado com a casa e o cuidado com os filhos foi chamado de apoio instrumental e possibilita uma menor carga de trabalho dentro do lar (CRAMER; CAPELLE; SILVA, 2001). Mais uma vez foi afirmado de forma intrínseca pelas pesquisadas que ainda existe divisão desigual das tarefas entre os gêneros.

As duas formas de ajuda por parte do cônjuge são de fundamental importância já que o apoio emocional ajuda a mulher a continuar lutando por seus objetivos mesmo que as dificuldades sejam imensas e o apoio instrumental não deixa a empreendedora tão sobrecarregada.

Quando foram indagadas como se sentiam em relação aos diversos papéis que realizam, a maior parte (25,6%) se sentiam dividida emocionalmente, entre as exigências do trabalho e da família, 23,1% se sentiam cansadas, provenientes da dupla jornada de trabalho, 17,9% se sentiam realizadas e o mesmo percentual se consideraram como um exemplo de inspiração, 10,3% se sentiam satisfeitas, 2,6% se sentiam culpadas e frustradas (TABELA 3).

TABELA 3 – Sentimentos em relação a multiplicidade de papéis

Sentimentos	Quantidade de respostas	%
Satisfeita	4	10,3
Culpada, por causa do abandono do lar	1	2,6
Frustrada	1	2,6
Realizada	7	17,9
Cansada, proveniente da dupla jornada de trabalho	9	23,1
Dividida emocionalmente, entre as exigências do trabalho e da família	10	25,6
Exemplo de inspiração, tanto para minha família como para as pessoas a minha volta	7	17,9
Total	39	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

A maioria das empreendedoras se sentiam divididas emocionalmente, entre as exigências do trabalho e da família já que a necessidade de se inserir no mercado, o cansaço decorrente da dupla jornada de trabalho e a preocupação com o cuidado com os filhos acabou gerando um sentimento de culpa pelo abandono do lar, motivo o qual aumenta a probabilidade das mulheres em obter até mesmo doenças (LAGES; DETONI; SARMENTO, 2005).

Os sentimentos expostos na Tabela 3 foram divididos em negativos e positivos na Tabela 4, para compreender melhor a forma como as mulheres pesquisadas se sente frente à multiplicidade de papéis que realizam.

TABELA 4 – Sentimentos positivos e negativos em relação a multiplicidade de papéis

Sentimentos positivos	%	Sentimentos negativos	%
Satisfeita	10,3	Culpada, por causa do abandono do lar	2,6
Realizada	17,9	Frustrada	2,6
Exemplo de inspiração, tanto para minha família como para as pessoas a minha volta	17,9	Cansada, proveniente da dupla jornada de trabalho	23,1
		Dividida emocionalmente, entre as exigências do trabalho e da família	25,6
Total	46,1		53,9

Fonte: Dados da pesquisa.

Ao somar os percentuais dos sentimentos positivos e negativos percebeu-se que as mulheres viram a multiplicidade de papéis como um aspecto negativo do empreendedorismo, já que o processo empreendedor é desgastante, cansativo, em muitas vezes se sentem culpada pelo abandono do lar, frustrada e principalmente divididas emocionalmente entre o trabalho e a família. As empreendedoras dão o seu máximo para equilibrar todas as esferas de sua vida, mas em diversas ocasiões não conseguem essa estabilidade, o que gera os sentimentos negativos que relataram.

Para Porto (2002) as mulheres sofreram mais pelo fato de que no domínio público sentem que o seu lado emocional foi lesado, já que são mais cobradas por sua atuação pública, somente por serem mulheres e vale destacar que essas características “dadas como femininas” não são inerentes ao sexo feminino e, sim, a características culturais.

6 CONCLUSÃO

Foi possível caracterizar o perfil típico das empreendedoras pesquisadas, sendo: mulheres; brancas; casadas; com filhos; com idade entre 35 a 54 anos; nível de escolaridade elevado (superior ou mais); com renda entre R\$ 2.995,00 até R\$ 5.988,00. A maioria dos empreendimentos foram caracterizados como novos, o principal setor de atividade que as empreendedoras inicias se encontraram foi o comércio varejista de artigos do vestuário e acessórios, em relação às estabelecidas cada uma se encontra em um setor diferente mostrando uma diversidade e uma representatividade da mulher em diversos setores. A maior parte não possuía funcionários.

Em relação à multiplicidade de papéis que a mulher está imposta a realizar, as mesmas se sentem divididas emocionalmente entre as exigências do trabalho e da família, porém, comumente o cônjuge ajuda nas tarefas domésticas, no cuidado com os filhos e, além disso, auxilia em forma de informações, conselhos e incentivos.

Com tais conclusões obtidas no presente trabalho, esperou-se ter alcançado uma maior compreensão sobre o tema e um maior conhecimento sobre o grupo de empreendedoras pesquisadas. Ainda assim, acredita-se que há muito a ser estudado sobre este assunto. Seria relevante fazer a pesquisa com um público maior e além dos questionários fazer também entrevistas, pois irão fornecer maior detalhamento da jornada empreendedora do alvo do estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIASOLI, P. K. Mulheres em cargos de gestão: dificuldades vinculadas ao gênero. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 43, n. 03, p. 125-140, 2016. Disponível em: <https://revistas.fee.tche.br/index.php/indicadores/article/view/3672>. Acesso em: 22 de jun. 2019.

CARVALHO NETO, A. M. de.; TANURE, B.; ANDRADE, J. Executivas: carreira, maternidade, amores e preconceitos. **RAE Eletrônica**, Viçosa, v. 9, n. 1, jan./jun. 2010. <http://www.scielo.br/pdf/raeel/v9n1/v9n1a4>. Acesso em: 15 de jun. 2019.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CRAMER, L.; CAPELLE, M. C. A.; SILVA, A. L. A inserção da mulher no mundo dos negócios: construindo uma identidade. In: **CONGRESSO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**. 2001. Ouro Preto. **Anais...** Ouro Preto: Congresso de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2001.

FERES, B. R.; SILVA, N. P.; SOUZA, M. A. de. **Desafios da mulher empreendedora de Belo Horizonte e região metropolitana**. 2015. 28f. Artigo (TCC) de Conclusão de Curso (Curso de Administração) – Centro Universitário de Belo Horizonte UNIBH, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <https://unibhadministracao.wordpress.com/category/trabalhos-de-conclusao-de-curso/page/2/>. Acesso em: 28 ago. 2019.

FROTA, E. dos R. *et al.* O empreendedorismo feminino e sua presença nas MPE's. **Revista Fórum de Administração**, Franca, v. 6, n. 1, p. 1-16, 2014. Disponível em: <http://periodicos.unifacf.com.br/index.php/forumadm/article/view/949>. Acesso em: 15 de jun. 2019.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR – GEM. **Empreendedorismo no Brasil: relatório executivo 2018b**. Curitiba: IBPQ, 2018b. 26f. Disponível em: <http://materiais.cer.sebrae.com.br/relatorio-executivo-gem-2018>. Acesso em: 08 de jun. 2019.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR – GEM. **Análise dos resultados do GEM 2018 por gênero**: IBPQ, 2018a. 21f. Disponível em: [http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/GO/Sebrae%20de%20A%20a%20Z/GEM%20-%20An%20C%20A%20l%20ise%20por%20g%20%20A%20n%20e%20r%20o%20-%202018%20finalv1%20\(002\).pdf](http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/GO/Sebrae%20de%20A%20a%20Z/GEM%20-%20An%20C%20A%20l%20ise%20por%20g%20%20A%20n%20e%20r%20o%20-%202018%20finalv1%20(002).pdf). Acesso em: 15 de jun. 2019.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, mai./jun. 1995. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901995000300004. Acesso em: 10 out. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Mulheres dedicam mais horas aos afazeres domésticos e cuidado de pessoas, mesmo em situações ocupacionais iguais a dos homens**. 2019. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/24266-mulheres-dedicam-mais-horas-aos-afazeres-domesticos-e-cuidado-de-pessoas-mesmo-em-situacoes-ocupacionais-iguais-a-dos-homens>. Acesso em: 20 de jun. 2019.

JONATHAN, E. G. Mulheres empreendedoras: medos, conquistas e qualidade de vida. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 3, p. 373-382, set./ dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v10n3/v10n3a04>. Acesso em: 20 de jun. 2019.

LAGES, S. R. C.; DETONI, C.; SARMENTO, S. C. O preço da emancipação feminina: uma reflexão sobre o estresse gerado pela dupla jornada de trabalho. **Estação Científica**, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, ago. 2015. Disponível em: <http://portal.estacio.br/media/4396/8-o-preco-emancipacao-feminina-reflexao-sobre-estresse-gerado-dupla-jornada-trabalho.pdf>. Acesso em: 20 de jun. 2019.

LINDO, M. R. *et al.* Conflito vida pessoal vs. vida profissional: os desafios de equilíbrio para mulheres empreendedoras do Rio de Janeiro. **RAC Eletrônica**, Maringá, v. 1, n. 1, p. 1-15, jan./ abr. 2007. Disponível em: http://www.anpad.org.br/periodicos/arg_pdf/a_621.pdf. Acesso em: 15 de jun. 2019.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/2431625/mod_resource/content/1/Pesquisa%20em%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Abordagens%20Qualitativas%20vf.pdf. Acesso em: 10 out. 2019.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, C. B. *et al.* Empreendedorismo feminino: características e perfil de gestão em pequenas e médias empresas. **Revista de Administração da UFSM**, Santa Maria, v. 3, n. 2, p. 288-302, mai./ ago. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/index.php/reaufsm/article/view/2378>. Acesso em: 17 de mai. 2019.

PARASURAMAN, S.; GREENHAUS, J.H. **Integrating Work and Family**: challenges and choices for a changing world. Westport, Connecticut: Praeger Publishers, 1997. APUD QUENTAL, C.; WETZEL, U. Equilíbrio trabalho - vida e empreendedorismo: a experiência das mulheres brasileiras. In: ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 26. 2002, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Anpad, 2002. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/enanpad2002-cor-1849.pdf>. Acesso em: 15 de jun. 2019.

PORTO, M. de F. S. **Com licença, eu vou à luta! Mulheres empresárias de Patos de Minas -1980-90**. 2002. 253f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002. Disponível em: http://www.livrosgratis.com.br/download_livro_17148/com_licenca_eu_vou_a_luta_mulheres_empresarias_de_patos_de_minas_-_1980-90. Acesso em: 20 de jun. 2019.

SILVA, M. S. da. **Determinantes do empreendedorismo feminino no Brasil**: aplicação de um modelo de escolha ocupacional usando microdados da PNAD de 2015. 2017. 47f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/7732>. Acesso em: 14 abr. 2019.

SILVA, D. M. da.; LIMA, A. de O. Mulher, trabalho e família na cena contemporânea. **Contextos Clínicos**, São Leopoldo, v. 5, n. 1, p. 45-51, jan./ jun. 2012. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/contextosclinicos/article/view/ctc.2012.51.05>. Acesso em: 17 de mai. 2019.

SINA, A. **Mulher e trabalho**: o desafio de conciliar diferentes papéis na sociedade. São Paulo: Saraiva, 2005.

STROBINO, M. R. de C. **O empreendedorismo feminino e o conflito trabalho-família**: estudo de multicasos no setor da construção civil da cidade de Curitiba. 2009. 137f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/18548/Dissertacao%20Marcia%20Strobino.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 de jun. 2019.

TAMEIRÃO, N. **Empreendedorismo feminino**: negócios que transformam. 2019. Disponível em: <https://sambatech.com/blog/insights/empreendedorismo-feminino/>. Acesso em: 17 de mai. 2019.